

Museu da Periferia Vila Torres: Memória Guardada em Caixas de Sapato e em Paredes de Bar ¹

Vitória SMARCI²

Luiza YASUMOTO³

Alice dos PASSOS⁴

Beatriz DESCHAMPS⁵

Emily CAMARGO⁶

José Carlos FERNANDES⁷

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

A comunidade Vila Torres é a mais antiga de Curitiba – com registros já na década de 1950. É uma “favela histórica”. Dividida por facções criminosas, vila extrapola o noticiário policial. Cerca de 20 lideranças diferentes elevam-na a modelo de organização comunitária. A longevidade e a vitalidade fazem desse endereço de 6,5 mil habitantes um merecedor de espaços de memória. Estuda-se aqui os processos metodológicos para a criação de um território museológico popular e sua destinação pedagógica. Trabalho se baseia em Paulo Freire, Ismar de Oliveira e Françoise Vergès. Com sua base montada na *web*, projeto entra na fase de pesquisa de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; museus da periferia; Vila Torres; comunicação popular; geografias da comunicação.

INTRODUÇÃO

A Vila Torres é uma comunidade de 6,5 mil moradores, próxima ao centro de Curitiba, conhecida por abrigar parte expressiva dos catadores de recicláveis da capital paranaense. Não há números conclusivos, mas estima-se que 30% da população local viva da coleta de papel e congêneres. Ainda que tenha por volta de 75% de regularização fundiária efetuada, a vila ainda é chamada de “favela” – o título permanece por força dos rótulos repetidos pelo noticiário policial, precariedade das moradias e poluição do Rio Belém, que cruza o local depois de passar pelos bairros da zona Norte e região central da capital paranaense.

¹ Trabalho apresentado na IJ07, Comunicação, espaço e cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: vitoria.smarci@ufpr.br

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: luizayasumoto@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: alicelima@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: beatrizdeschamps@ufpr.br

⁶ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: emilymattos@ufpr.br

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

Os primeiros registros da comunidade são de 1953, e de caráter higienista. À época, a cidade, de 180 mil habitantes, via surgir suas três primeiras zonas favelizadas, chamadas pela imprensa de “Inferninho” do Santa Quitéria, Vila Parolin e Favela do Capanema, da qual a “Torres” é um resquício. Nos anos 1970 e 1980, o “Inferninho”, atendido pelas Comunidades Eclesiais de Base (Cebs), foi saneado e rebatizado de Vila Nossa Senhora da Paz. Parolin e Capanema se tornaram pródigas no tráfico de drogas, mas também na organização comunitária, um paradoxo que permanece nas duas comunidades (Fernandes, 2011).

A comunidade do Capanema passou por uma política ostensiva de desfavelamento, nos anos 1980. O local abriga hoje o Jardim Botânico, espaço mais visitado por turistas na capital paranaense. O estigma foi tamanho que, em plebiscito popular, em meados dos anos 1980, moradores trocaram o nome do bairro de Capanema para Jardim Botânico. Uma estreita faixa de terra, às margens do Rio Belém – o único que nasce e morre em Curitiba –, contudo, não foi atingida pelo processo de gentrificação. Comunidade dentro da comunidade do Capanema, a chamada “Vila do Pinto” (depois “Torres”, também mudada em plebiscito) permaneceu no fundo de vale da região, sendo um escoadouro, via rio, de sofás, esgoto irregular, pneus e até cadáveres.

A Vila Torres goza de grande visibilidade. O local pode ser facilmente identificado por quem vai à rodoferroviária e ao Aeroporto Afonso Pena, no município vizinha de São José dos Pinhais. A vila é também ladeada pela maior instituição privada de ensino superior da capital, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); pelo Colégio Medianeira – de educação jesuítica –, e pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep). Em meio a controvérsias e desinformação, a comunidade é a mais lembrada dentre as quase 300 áreas de ocupação irregular da cidade, de acordo com pesquisas de opinião. É, também, destinatária preferencial de projetos sociais e culturais – muitos deles nascidos da comunidade, como a ONG Passos da Criança e o bloco de percussão “Afro Pretinhosidades” (Fernandes, 2019).

Em 2018, a convite da ONG “Passos da Criança”, o programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, foi convidado a construir o Museu da Periferia Vila Torres, primeiro na forma física, mas logo depois readequado para o modelo virtual, dada a falta de espaço para abrigar um acervo. O objetivo do projeto – além de documentar a comunidade favelizada mais antiga da capital paranaense – está em oferecer a educadores,

das quatro escolas da rede pública que funcionam no entorno, material didático com potencial para mostrar a crianças, adolescentes e jovens as qualidades da vila, para além das trágicas narrativas exploradas pela imprensa sensacionalista.

Durante 2020 e 2021, em função da pandemia, extensionistas fizeram uma ação emergencial, colaborando com os educadores da ONG na preparação de material didático e apoio no uso de audiovisuais – de modo a atender as 80 crianças que frequentavam ali o contraturno escolar. Em 2022, o projeto foi retomado, passo a passo. Os avanços se deram em 2023, quando passaram a ser gravados depoimentos com os moradores mais antigos da comunidade, de modo a formar uma galeria no futuro site.

Metodologia

A metodologia do Museu da Periferia Vila Torres se alimenta de fontes como a educomunicação e a comunicação popular (Oliveira, 2011). Além dessa trilha, de origem freireana, sustentam o projeto as diretrizes da extensão universitária: vínculos com a comunidade, acompanhados de oitivas contínuas das lideranças; parcerias com a sociedade organizada local – a ONG Passos da Criança e o Clube de Mães Vila Torres, por exemplo (Gonçalves, Quimelli, 2016).

Numa perspectiva transdisciplinar, o grupo gestor do projeto fez aproximações com a museologia. O acervo virtual deve ter fotografias da comunidade – digitalizadas de acordo com as sugestões de Kossoy (2014); pequenos vídeos, com depoimentos de moradores históricos; reportagens e livros produzidos sobre a Vila Torres; notícias sobre fatos que emergem no dia a dia do local.

Projetou-se, para os próximos passos, uma ação piloto, junto a escolas do entorno da Vila Torres, com atividades didáticas próprias para estimular a utilização do material arquivado do museu, via site. Do mesmo modo, será feito um grupo focal, para recolher sugestões, entre educadores e líderes comunitários, sobre o uso dos recursos do site.

A fim de adequar o site às demandas da comunidade, os alunos conduziram uma pesquisa de campo, com valor de enquete, para teste do formulário, visitando estabelecimentos comerciais e residências dos moradores da Vila das Torres. Durante as entrevistas, 30 no total, os moradores responderam aos questionários de maneira autônoma, compartilhando suas opiniões sobre o conceito de Museu da Periferia e sua adequação ou não à vila.



FIGURA 1 – Extensionistas entrevistam moradora, dona de mercado, sobre o sentido da expressão “Museu da Periferia”. Fonte: Arquivo Ncep (2024).

Durante o processo, foi observado que alguns entrevistados encontraram dificuldades ao responder sobre a função dos museus, se esses espaços se dedicam apenas a guardar objetos de arte ou de grande valor, estranhando que a documentação sobre a regularização fundiária interesse aos organizadores e produtores do museu. Essas dificuldades foram anotadas para que as perguntas pudessem ser reformuladas nas próximas rodadas, de modo que os pesquisadores utilizem uma linguagem mais simples e direta, com o objetivo de facilitar a compreensão dos entrevistados e melhorar a clareza das informações obtidas na pesquisa de campo.

Os dados coletados nessa primeira empreitada revelam um panorama sobre a percepção e conhecimento da comunidade a respeito dos "museus da periferia".



FIGURA 2 – Extensionista entrevista moradores da Vila Torres. Fonte: Arquivo Ncep (2024)

Observa-se que apenas 20% dos respondentes já ouviram falar de museus dedicados à memória da periferia, indicando a necessidade de uma maior divulgação sobre o tema. Além disso, a pesquisa revelou que 77,4% dos entrevistados nunca ouviram falar sobre museus da periferia, 34,5% não sabem exatamente o que é um museu da periferia, enquanto 13,8% admitem que não sabem de forma alguma. Um total de 48,3% expressou interesse em saber mais, o que destaca uma lacuna de conhecimento e um grande potencial para educação e engajamento comunitário.

GRÁFICO 1

Sobre os "museus da periferia" você diria que seu conhecimento a respeito do assunto é...

29 respostas

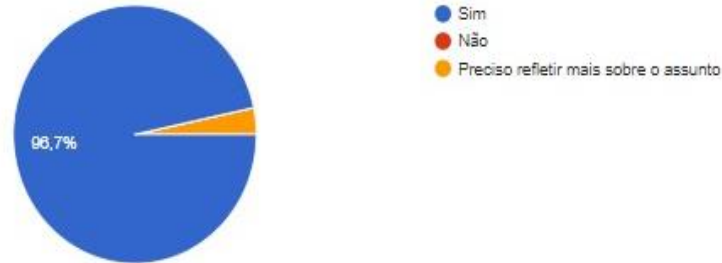
 Copiar



Na sua opinião, a comunidade da Vila das Torres poderia ou deveria abrigar um "museu da periferia"?

 Copiar

30 respostas



Conhecimento dos entrevistados sobre os “museus da periferia” / Fonte: pesquisa Museu da Periferia (google.com) (2024).

Quanto à função dos museus, 46,7% discordam que eles existem apenas para guardar objetos de arte ou de grande valor, sugerindo uma visão mais ampla e inclusiva do papel dos museus na sociedade.

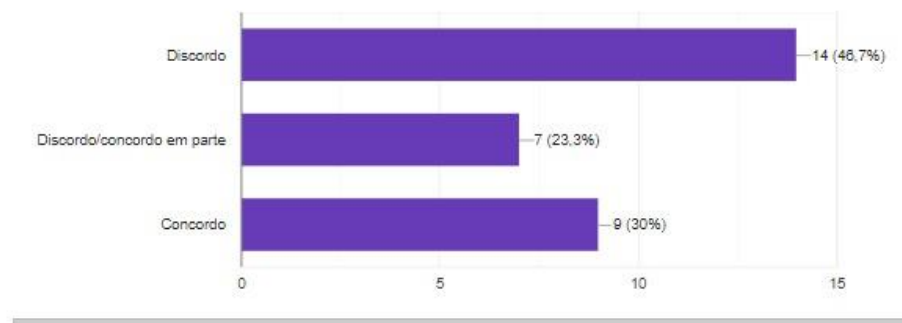
GRÁFICO 2

Diga seu grau de concordância com as frases abaixo

 Copiar

1 - Museus existem apenas para guardar objetos de arte ou demais objetos de grande valor

30 respostas



Opinião dos moradores sobre a função dos museus. Fonte: pesquisa Museu da Periferia (google.com) (2024).

Esta perspectiva é corroborada pelo interesse em diversos tipos de acervo para um potencial Museu da Periferia na Vila das Torres, onde fotografias antigas (96,7%), depoimentos gravados de moradores (90%) e reportagens e livros produzidos pela comunidade (93,3%) figuram entre os itens mais valorizados.

GRÁFICO 3



Preferência dos moradores para a composição do Museu da Periferia - Vila das Torres. Fonte: pesquisa Museu da Periferia (google.com) (2024).

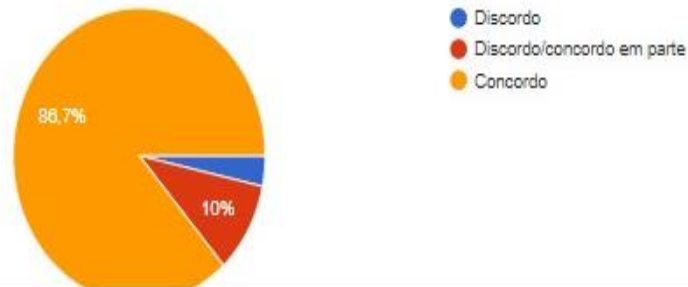
Os dados indicam que uma maioria absoluta de 96,7% dos participantes (29 indivíduos) manifestou apoio à iniciativa, respondendo afirmativamente à proposta. Apenas uma pessoa (3,3%) afirmou que precisa refletir mais sobre o assunto antes de formar uma opinião definitiva. Não houve nenhuma resposta negativa à ideia. A maioria dos entrevistados, (46%) discordam que o museu não se enquadraria às prioridades da vila e concordam que os museus deveriam preservar a memória de todos e não apenas de uma parte da sociedade.

GRÁFICO 4



4 - Museus deviam preservar a memória de todos e não apenas de uma parte da sociedade:

30 respostas



Opinião dos entrevistados sobre a importância do Museu da Periferia – Vila das Torres e sobre a preservação da memória popular. Fonte: pesquisa Museu da Periferia (google.com) (2024).

Esses resultados demonstram um consenso favorável entre os entrevistados quanto à implantação de um museu da periferia na Vila das Torres, o que evidencia o apoio comunitário necessário para a realização desse projeto.

Quanto ao trabalho de campo, os extensionistas enfrentaram desafios ao interagir com a comunidade. O deslocamento até as diferentes áreas da vila – na qual vivem 6,5 mil pessoas – exigiu uma logística bem planejada. Algumas áreas são de risco, há faixas proibidas pelo tráfico e contínuas abordagens policiais na região, quando não, policiais armados sobre a trincheira que corta a comunidade.

Para a aplicação do roteiro de perguntas na Escala Likert, com linguagem acessível, de modo a garantir a compreensão de todos os participantes, foi necessário estabelecer uma relação de confiança e respeito, para obter respostas com baixa margem de erro. Os desafios foram superados com um planejamento, comunicação clara e a flexibilidade dos alunos, que ajustaram suas abordagens conforme necessário para atender às necessidades e circunstâncias da comunidade.

Um dos entraves enfrentados pelo grupo diz respeito à falta de confiança que alguns moradores apresentaram em relação à universidade. Sentem-se “pesquisados” e se queixam de nunca ver os resultados das contínuas abordagens de estudantes e professores. A reserva dos entrevistados em relação aos entrevistadores foi enfrentada com diálogo, puxando pela memória dos abordados o vínculo com a comunidade, fortalecido a partir de 2018, e que soma mais de 20 anos, em se tratando do coordenador da pesquisa. Por fim, a abordagem permitiu verificar uma certa descrença, a ser trabalhada em pesquisas

posteriores, em relação à eficácia de um museu virtual, quando muitos dos moradores têm inclusão digital baixa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Além de Freire (2021) e Soares (2011), sustentam o projeto autores como Ecléa Bosi (2003) – base dos estudos de memória; Denis de Oliveira (2017), Alexandra Gonzalez (2022) e Mara Rovida (2020) – para fundamentar as trilhas de comunicação junto a comunidades periféricas; Paiva e Barbalho (2005), como suporte para pensar o lugar e a voz das minorias. Por fim, destaque-se o trabalho da historiadora Françoise Vergès (2023), estudada para desenvolver os processos de decolonização dos espaços de memória.

A compreensão do local da periferia na cena brasileira é etapa fundamental do projeto. Numa espécie de alfabetização dos extensionistas – atores importantes no desenvolvimento do projeto Museu da Periferia – frisa-se que a periferia sempre esteve num lugar marginal em relação ao pensamento hegemônico; que é um complexo de contradições; que “a história da periferia é a história de sua luta contra a invisibilidade” (D’Andrea, 2020, p. 4). “A periferia pensante também aos poucos foi tomando as universidades. A partir do encontro chocante entre quebrada e universidade, nem a quebrada e nem a universidade voltariam a ser as mesmas (Idem, p. 23) – pode-se dizer, a título de ilustração, sobre mais esse encontro entre a extensão e uma comunidade empobrecida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A existência de um museu sobre a comunidade ainda causa estranheza entre os moradores – descrentes de que o vivido naquele território empobrecido – espremido entre universidades, colégios de elite e uma federação – possa figurar entre os demais espaços museológicos da cidade. Entre os mais engajados, a ideia ganha simpatia, com reconhecimento à importância da comunidade e sua contribuição para a história da cidade.

O processo todo tem sido um aprendizado sobre como lidar com uma comunidade periférica. No posto de a mais citada em contínuas pesquisas de opinião⁸, a mais assediada

⁸ Um exemplo é o projeto “Curitiba imaginada na era digital [Ciudades y comunidades imaginadas latinas en la era digital]”, pesquisa é desenvolvida como parte integrante do projeto internacional “Imaginarios urbanos - Ciudades imaginadas 2020 - 2022”. A coordenação geral é do prof. Dr. Armando Silva e sua equipe de trabalho. As entidades proponentes são IECO, FLACSO Argentina e Equador.

por políticos, dos mais diversos partidos e tendências, e, para tristeza da comunidade, presença contínua no noticiário policial, a Vila Torres oscila entre o reconhecimento – por sua capacidade de organização, e a marginalidade.

Esse contínuo “ser ou não ser”, supõe-se neste artigo, explica o fato de os moradores saberem da importância da história e da posição estratégica de área favelizada, próxima da malha central da capital paranaense – a única visível, ao lado da Vila Parolin – e, ao mesmo tempo, a sua suposta desimportância urbana. Não seria um “museu” o lugar dos objetos produzidos pela classe dominante? O mal-estar e a estranheza que causa a preservação da memória de uma área pobre da cidade rica estão ligados, por certo, ao se sentir colonizado (Vergès, 2023). Portanto, está introjetado na população a dúvida sobre a qualidade de um acervo extraído, em parte, da casa dos moradores; e ao entendimento que um lugar lembrado pela criminalidade tem, sim, valores, mas a sociedade não tem como reconhecer esses espaços.

Trata-se de um paradigma a ser vencido – por todas as camadas da cultura. O museu legitima a dominação, o apagamento, e ganha ar de neutralidade, de santuário. “Contudo, há décadas o museu é contestado e questionado” (Vergès, 2023, p. 9). Passa por esses espaços aparentemente estagnados, a retomada crítica de inúmeros episódios da história. E, com certeza, faz parte desse revisionismo pensar a ausência das periferias, seu silenciamento, e o que esses espaços de trabalho, resistência, criação – fadados a ficar de fora dos discursos – têm a dizer.

Em tempo, partiu da própria comunidade a ideia de “museu”, repetindo ali a experiência do Museu da Periferia do Xapinhã, surgido nos anos 2000, com acervo físico, e hoje desativado por falta de apoio governamental. Na “Torres”, o espaço museológico nasceu virtual e com intenções pedagógicas, de modo a combater, com informação, a redução grosseira do local e um espaço de crimes. A iniciativa, apoiada pela Associação de Moradores, parte do que se convencionou chamar de “sociedade organizada”, mas precisa, ainda, chegar às pessoas comuns e se instalar como uma proposta que só vai prosperar quando os moradores oferecerem fotos, documentos e objetos que confirmem a Vila Torres – à margem do cartão-postal do Jardim Botânico – como um lugar que traduz Curitiba.

O poluído Rio Belém, que corta a comunidade, não carrega pneus, sofás e corpos desovados por força da comunidade. Mas é ela que arca com o prejuízo. E carrega também um dos selos de marketing da cidade – a de Capital Ecológica. Um museu, por certo, pode ajudar a diluir essa contradição. Reforçar o diálogo com os moradores, como próximo passo metodológico, pode garantir que o Museu da Periferia saía da cúpula da comunidade e ganhe as ruas. Sem esquecer que “os moradores das periferias tomam decisões guiadas muito mais por razões práticas do que por razões ideológicas” (D’Andrea, 2020, p. 49).

CONSIDERAÇÕES

O projeto Museu da Periferia tende a se tornar uma ideia inspiradora – junto a outros projetos semelhantes, em curso no país. Entende-se como uma metodologia aplicável, passível de pequenas adaptações, a depender de cada território. Tem potencial para decolonizar outros espaços, fazendo com que registrem memórias, democratizem documentos e olhem com afeto para suas micro-histórias.

Tudo isso demonstra, como se ainda fosse necessário, que o museu não é um espaço neutro, mas um campo de batalhas ideológicas, políticas e econômicas. O museu universal se vê como um refúgio ou santuário, mas parece mito distante de poder assumir esse papel, porque, para interpretá-lo, teria de reconhecer a parte que desempenhou na maneira como a ordem racista, patriarcal e extrativista do mundo se instituiu, e ter a determinação necessária para se insurgir contra ela” (Vergès, 2023, p. 14).

O desejo da comunidade em ser protagonista de sua própria história é considerado um ato político e o Museu da Periferia Vila Torres é uma reação a esse desejo. Torna-se dessa forma uma estratégia de organização da memória e reafirmação da identidade coletiva dessa comunidade. O museu da periferia é uma ferramenta que abre um caminho para a autodeterminação da Vila das Torres, fortalecendo a comunidade como um grupo coletivo, que tem total autonomia sobre a sua realidade. Por intermédio do museu, a vila busca reafirmar sua identidade e história, exercendo poder sobre o que é seu, além de ser uma forma de lutar contra a expropriação, praticando o direito de falar de si mesma por si mesma.

REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 10.^a ed. 2003.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **Quarenta ideias de periferia**: história, conjuntura e pós-pandemia. São Paulo: Dandara, 2020.

FERNANDES, J.C. Vida e morte do Capanema. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 6 fev. 2011. Vida e Cidadania, p. 8.

FERNANDES, J.C. Na Vila Torres tem batucada. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 23 fev. 2019. < Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/jose-carlos-fernandes/na-vila-torres-tem-batucada/>> Acessado em 15/05/2024.

FREIRE, P. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 2.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. QUIMELLI, Gisele Aves de Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016.

GONZALEZ, A. **Jornalismo comunitário**. São Paulo: Contexto, 2022.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. 5.^a ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2014.

OLIVEIRA, Denis. **Jornalismo e emancipação**: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

PAIVA, R. BARBALHO, A. (orgs.) **Comunicação e cultura das minorias**. 2.^a ed. São Paulo: Paulus, 2009.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias**: o diálogo social nas bordas urbanas. Curitiba: CRV, 2020.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu, 2023.

